



## EXPERIÊNCIA DE IMIGRANTES: UM LIVRO, UMA ENTREVISTA, DUAS MULHERES.<sup>1</sup>

Fátima e Silva de Freitas<sup>2</sup>

### RESUMO

O artigo em questão busca construir uma narrativa sobre o processo de imigração haitiana através da análise de uma obra literária da escritora haitiana Edwige Danticat e de uma entrevista concedida em 2015 por uma haitiana que vive há cinco anos em Curitiba-PR. A história oral é a ferramenta principal utilizada na elaboração do texto. Como método e prática de pesquisa a história oral nos permite a escuta do "outro", de tal maneira que traz para o universo acadêmico a possibilidade da escuta e da produção de um documento histórico único. Por fim, a questão da imigração e do deslocamento de população é um dos temas mais importantes da atualidade. Compreender a diáspora haitiana é sem dúvida relevante para todas as ciências humanas.

**Palavras-chave:** Imigração, Haiti, História oral.

### ABSTRACT

*Article Searching question Build a narrative about Haitian immigration process through the analysis of a literary work of Haitian author Edwige Danticat and an interview granted in 2015 by a Haitian who lives five years in Curitiba Pr. The Oral History and one main tool used in the preparation do text. As Method and research practice paragraphs of oral history allows listening to "other" in such a way bring for academic universe a chance of listening and production a history single document. Finally, the issue of immigration and population and a displacement of themes and more important today. To understanding the Haitian diaspora without material doubt is very important for all human science.*

**Key-words:** Immigration, Haiti, Oral History

<sup>1</sup> Trabalho apresentado para a Disciplina: HH793 - História e Cidade- ministrada pela Professora Doutora Roseli Boschilia no primeiro semestre0 de 2015.

<sup>2</sup> Aluna Matriculada em Disciplina Isolada do Programa de Pós-graduação em História do Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Professora do Centro Universitário Autônomo do Brasil - UNIBRASIL

## INTRODUÇÃO:

Este artigo desenvolve algumas reflexões sobre duas narrativas femininas a respeito da experiência de saída do país de origem, e a forma como este acontecimento é narrado por duas mulheres. A escritora, que vê a mãe e o pai saírem do Haiti deixando os filhos para acompanhar o marido em uma trajetória que finalmente culminaria na sua imigração para os Estados Unidos da América. Onde a mãe da escritora teria mais dois filhos nascidos em território estadunidense, e só mais tarde voltaria para buscar a ela e ao seu irmão Bob.

No tempo em que permaneceu no Haiti, ela e o irmão ficaram aos cuidados de seus tios Denise e Joseph, ele um pastor evangélico que na juventude se envolveu nas questões políticas do país, mas depois se decepcionou com a constante instabilidade política do Haiti. Também ele tio Joseph, em determinado momento e já doente, temendo por sua segurança em função da crescente violência no interior do país, seja em função da pobreza historicamente presente no país, ou ainda, da também constante instabilidade política, tem que sair do Haiti, para nunca mais voltar.

Os relatos biográficos da escritora haitiana Edwige Danticat estão em seu livro *Adeus Haiti*, publicado no Brasil pela Editora Agir no ano de 2010. Edwige constrói suas narrativas a partir da experiência vivida e do que foi coletando junto a familiares e documentos públicos.

Escrevo estas coisas agora, algumas como as testemunhei e recordo hoje, outras a partir de documentos oficiais, bem como baseadas em lembranças compartilhadas de membros da família. Mas a essência delas foi contada a mim ao longo dos anos, em parte por meu tio Joseph, em parte por meu pai. Algumas contadas de qualquer jeito, apressadamente. Outras com mais detalhes. Ouvi-as fora de sequência e fragmentadas. Esta é uma tentativa de coesão e recriar alguns poucos meses maravilhosos e terríveis, quando suas vidas e a minha se cruzaram de maneira espantosa, forçando-me a olhar para frente e para trás ao mesmo tempo. Só estou escrevendo isto porque eles não puderam. (DUNTICAT, p.31)

O trabalho da escrita é primoroso, nos detalhes, na dor das perdas e também na alegria dos recomeços, durante a narrativa da diáspora familiar ela fica grávida e tem uma filha e dá a esta um nome que era também o apelido do pai, Mira.

Apoio-me em Arfuch, quando discute a importância de considerarmos o espaço biográfico como significativo para a análise histórica à medida que traz em seu interior possibilidades de compreensão tanto da constituição das noções de espaço privado, de suas nuances e subjetividades, quanto podemos dar diferentes dimensões do espaço público, quanto de suas relações e inter-relações, ou seja as interfaces público/privado na construção e na atribuição de significados da e para a vida social.

A multiplicidade das formas que integram o espaço biográfico oferece um traço comum: elas *contam* de diferentes modos, uma história ou experiência de vida. Inscrevem-se assim para além do gênero em questão, numa das grandes divisões do discurso, a *narrativa*, e estão sujeitas, portanto, a certos procedimentos compositivos, entre eles, e prioritariamente, os que remetem ao eixo da temporalidade. Efetivamente, o que mais a atribuição autobiográfica supõe além da ancoragem imaginária num tempo ido, fantasiado, atual, prefigurado? (ARFUCH, p.111).

Poderia dizer que a narrativa de Danticat, numa linguagem mais metafórica, encaixa-se como um mosaico ao que diz Arfuch, é temporal porque houve inclusive esta preocupação por parte da escritora narradora, defino-a assim porque ela também exerce o ofício da escrita ficcional, mas no livro em questão trata-se de escritos autobiográficos. Mas também não se trata de uma autobiografia autocentrada, do tipo: nasci, cresci, sofri etc. Ancora-se por assim dizer em momentos e contextos importantes da história de seu país natal e tem a preocupação de buscar informações e dados fundamentados em pesquisa. Acaba por construir um retrato sensível da sua experiência de criança que ao emigrar deixou para trás a história de uma infância de incerteza, de sociabilidades vividas junto a outras crianças haitianas, mas permeadas pela certeza de que um dia iria embora para juntar-se aos pais. Não é a história de uma menina e de seu irmão mais novo, que chora e se contorce no chão do salão de embarque do aeroporto da capital, ao ver seus pais partirem, é antes de tudo a história de muitas crianças deixadas pela diáspora<sup>3</sup> constitutiva de

---

<sup>3</sup> A compreensão do termo Diáspora se apoia na definição proposta por Stuart Hall quando diz que: “A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades – os legados do império em toda parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão”. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor. Essa interpretação potente do conceito de diáspora é a mais familiar entre os povos do Caribe. “Tornou-se parte do nosso recém-construído senso coletivo do eu, profundamente inscrita no subtexto de nossas histórias nacionalistas.” HALL, Stuart. Da Diáspora: identidades e mediações culturais, p. 30-31.

muitas outras histórias de vida, portanto possui a qualidade do coletivo, embora contada na primeira pessoa.

A entrevistada Maria Clara Innocent, me concede a entrevista em uma tarde de 18 de dezembro do ano de 2015, no seu local de trabalho, um edifício situado em um bairro de Curitiba. Cidade do sul do Brasil, muito distante do seu ponto de chegada ao território brasileiro em 2011 o Acre. A primeira vez que deixou o Haiti tinha 16 anos e estava grávida de sua primeira filha, seu destino: República Dominicana, país em que teria seus quatro filhos, porém, em razão de suas condições de existência tendo que deixa-los aos cuidados da sua família no Haiti. Indo e vindo sucessivamente seja para leva-los para a mãe cuidar ou para visita-los e ao mesmo tempo levar-lhes roupas e alimentos. O marido vem primeiro para o Brasil, depois ela e finalmente os filhos, quatro anos depois. Em seu relato ela me diz que o primeiro dinheiro que o marido envia do Brasil, para que ela se alimentasse, ela não o faz, continua dependendo da solidariedade de amigos e parentes e faz o seu passaporte para poder juntar-se ao marido, aqui no Brasil.

Ao narrar sobre a vinda para o Brasil e os caminhos percorridos pelo marido, ela nos fala também da trajetória de muitos haitianos que atravessam as fronteiras do Brasil com seus vizinhos da América latina, principalmente o Peru.

Quando meu marido chegou ao Equador ele ia encontrar um grupo de haitianos que estava saindo do Equador. Eu falei que o dinheiro não ia dar certo para a gente ir, vai ser em dólares. Mas o dinheiro é tão pequeno é tão pequeno para a gente trabalhar com esse dinheiro, para pagar casa e tem muito, muito frio nesse lugar. Meu marido falou que não vai ficar. Meu marido está chorando. Ele falou que não vai ficar ele não tem dinheiro para viajar. Uma tia dele que está morando no Canadá, mandou dinheiro para ele. (INNOCENT, entrevista, 18/12/2015).

Nos dois relatos identifico a presença de redes de solidariedade familiar, de um lado a ajuda para sair do país e posteriormente o envio de remessas para o país de origem e de outro a disposição de assumir os cuidados das crianças, que pelo menos por algum tempo permanecem no país.

**Danticat:** Qualquer contenção que meu pai mostrasse nas cartas era facilmente compensada pelas reações de meu tio Joseph a elas. Primeiro, havia a leitura pública na sala de visitas rosada e pouco mobiliada do meu tio, na frente de Tante Denise, Bob e eu. Isso era feito para que não houvesse mal-entendidos sobre como seria gasto

o dinheiro que meus pais mandavam para mim e meu irmão. Geralmente meu tio lia as cartas em voz alta, fazendo pausas aqui e ali para pedir minha ajuda com a letra de meu pai, uma gentileza, eu pensava, um modo de me incluir um pouco mais.

**Innocent:** Eu sempre mandava para minha mãe. Sabe quando um haitiano viajou encontrou um pão dá para todos da família. Esse mês eu vou mandar para minha mãe. Mês que vem mando para minha sogra, mês que vem mando para uma prima, né.

Em sua dissertação de mestrado sobre a imigração haitiana no Brasil, Maroni da Silva também confirma esta questão; entre muitas revelações que a pesquisa de campo lhe trouxe, como por exemplo, a forma como os haitianos se defendem quando acusados de ociosidades e de dependerem da ajuda humanitária para viver. Eles declaram que o que querem mesmo é trabalho. Em relação à ajuda aos familiares, a pesquisa em questão revela que:

Aliás, o objetivo da migração que foi declarado por todos os haitianos que entrevistei e conversei era o trabalho e não o desejo de receber assistência indefinidamente e manter-se dependente. O sonho dos imigrantes, pelo contrário, é não apenas ser capaz de se sustentar dignamente com seu trabalho, mas também auxiliar seus dependentes que permanecem no Haiti. (MARONI DA SILVA, 106)

Danticat, a escritora, é criança quando sai do Haiti para viver ao lado dos pais nos Estados Unidos, a minha entrevistada Marie, é uma mãe que deixa para trás quatro filhos no Haiti. O que elas têm em comum além do fato da necessidade de deixar seu país de origem para construir outra história em outras terras. A criança não tem escolha, tem que sair, os pais vieram buscá-la a outra que é mãe, também não tem, é a realidade pouco promissora que lhe conduz a porta de saída de seu país. Ambos são relatos femininos das trajetórias e razões, pelas quais elas em um dado momento da vida reordenam sua existência em terras distantes daquela em que nasceram e viveram até o momento da saída.

Há um período de 30 anos entre as duas histórias, Danticat sai do Haiti em 1980 aos doze anos e Innocent aos dezesseis em 2002, primeiro para a República Dominicana e em 2011 para o Brasil. A primeira vai para os EUA, finalmente conviver com pai, mãe e os outros dois irmãos que nasceram fora do Haiti, em terras estadunidenses. Deixa para trás o tio Joseph e Tante Denise, divida entre querer ir viver com os pais e ao mesmo tempo ficar com os tios.

Só me lembro de desejar, quando voamos pelas nuvens, que meu tio tivesse chorado uma torrente de lágrimas, se atirado no chão e feito uma cena, proibindo-nos de partir. Ele teria soltado com sua antiga voz, a repentina revelação de que na verdade eu era sua filha e que não podia viver sem mim. (DANTICAT, p.97)

A entrevistada, ao contrário da escritora, não é a criança que vai embora, mas a mãe que tem que deixar os quatro filhos. Nesse sentido elas ocupam lugares opostos em uma relação de parentesco, perpassada pelo desejo de uma vida melhor, *“nós estávamos buscando uma vida melhor”*. (INNOCENT – entrevista, 2015)

Minha entrevistada sai pela primeira vez para ir à República Dominicana, país vizinho e que recebe regularmente haitianos em busca de trabalho e abrigo. Quando foi encontrar-se com o namorado, estava grávida e temia ficar no Haiti, porque não tinha dinheiro para pagar uma cesariana e é na República Dominicana que Maria Clara terá seus quatro filhos, uma menina e três meninos, vivendo despedidas e reencontros.

Eu fiquei lá, nasceu meu nenê, quando meu bebê tinha um ano e pouco eu levei ela para o Haiti, era uma menina, levei com minha mãe. E aí, eu voltei de novo para trabalhar com meu marido. Depois de um ano eu fiquei grávida de novo. (INNOCENT, entrevista, 2015)

Danticat tinha quatro anos e seu irmão Bob dois anos quando o visto de turista da mãe é concedido. Na despedida todos sabiam que ela não retornaria para viver no Haiti. Seu retorno seria para visita-los ou para cumprir a promessa de vir buscá-los para morar nos Estados Unidos. A cena narrada é da criança que se despede da mãe:

Em pânico escapei dos braços de tio Joseph e corri até minha mãe, apertando o rosto contra suas pernas. Empurrei-o quando ele quis me pegar de novo.  
Bob tinha corrido de Tante Denise e também estava no chão, batendo seus pequenos punhos contra os ladrilhos frios, choramingando. Seu rosto estava coberto de algum catarro que ele cuspira. Respondendo a um aviso final de embarque, minha mãe correu, com o rosto molhado coberto pelas mãos. Ela não suportou olhar para trás. (DANTICAT, p.55)

Nascidas em momentos diferentes, uma em 1969 (Danticat) e a outra em 1986 (Innocent), viveram a experiência da emigração de forma diferenciada, uma aguardando a volta dos pais para buscá-los a ela e o irmão. A outra vivendo na expectativa de buscar os filhos deixados sob os

cuidados dos avós maternos. Seja na diferença do corte de idade entre ambas ou nos 22 anos entre a saída de uma e a de outra, seu país de origem continua sendo considerado o país mais pobre das Américas, de acordo com os dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano o PNUD, o Haiti apresenta um percentual de 0,456% considerado baixo<sup>4</sup>, considerando que as categorias de classificação do documento dividem-se em: muito elevado, elevado, médio e baixo. Na categoria em que o Haiti se encaixa não figuram nenhum país das Américas.

Somados a esses dados de acordo com Bonomo & Bonomo:

Os problemas da pobreza e do desemprego são agravados pela alta incidência de desastres naturais. O Haiti está localizado na rota dos furacões que assolam o Caribe e seu território é sismicamente ativo. Por essa razão, o país possui histórico significativo de destruição da infraestrutura econômica e social por enchentes e terremotos. O país chegou a ter perdas econômicas de até 62% do Produto Interno Bruto (PIB) em um único desastre.

obreza, desigualdade social, e instabilidade política tornam o Haiti um país vulnerável em todos os sentidos. No terremoto de janeiro 2010, o país foi assolado por toda série de tragédias e destruição. Estima-se que a catástrofe tenha provocado mais de 300 mil mortos e 1,5 milhões de desabrigados. O triste episódio coloca o país nas pautas do noticiário internacional, ao mesmo tempo em que traz para a cena cotidiana a difícil realidade do povo haitiano.

Minha entrevistada morava em Santiago, na República Dominicana, quando aconteceu o terremoto, mas seus filhos estavam no Haiti.

Ela relata que teve muito medo, na casa em que sua mãe morava com os seus filhos caiu uma parede, a casa ficou destruída com isso seus documentos foram perdidos, entre eles sua certidão de casamento. Conta que as pessoas saíram correndo, não tinham para onde ir, não pensavam em nada. Quando pergunto sobre outras mortes em sua família ela diz:

Prima de meu marido. Ela casou com um dominicano, ele foi passear com ela no Haiti, dominicano morreu. E tem também uma irmã da mulher, uma haitiana, prima do meu marido, morreu também. E no lugar que nós estávamos lá em Porto Príncipe, tia de meu marido morava lá, quebrou tudo, mas ela não morreu. Ela ficou pálida, ela não fala, não sabe nada, não come, não pode fazer nada.  
...Mas lá em Porto Príncipe quebrou muito. A gente não pode controlar quanta gente que morreu. A gente não pode controlar. Só

<sup>4</sup> <http://www.pnud.org.br/arquivos/rdh-2013-resumo.pdf>- consultado em 21/02/2016.

Deus mesmo sabe quanta gente que morreu. Bastante, bastante, bastante... (INNOCENT, entrevista, 2015)

Esse é o tempo que marca também a decisão dela e do marido de procurar outro país para viver, que não a República Dominicana, onde já viviam. É quando chega até eles a notícia de que havia um país, o Brasil, que tinha aberto para Haitianos entrarem. É bom frisar que desde o ano de 2004, o Brasil integra a Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti – MINUSTAH, posteriormente assumindo seu comando. Embora este não seja o ponto principal desse artigo, contudo é importante citar o fato da presença das tropas brasileiras em terras haitianas, porque corrobora o interesse dos haitianos em virem para o Brasil. Soma-se a este contexto a possibilidade da concessão de visto por razões humanitárias, no caso haitiano em função de tragédia ambiental.

As tragédias coletivas perpassam as vidas de indivíduos de diferentes formas e intensidade e a escuta de seus depoimentos, seus testemunhos, suas narrativas tornam a metodologia da história oral o instrumento privilegiado para compreensão dos fenômenos sociais vividos por atores em diferentes situações e contextos históricos.

Nesse momento será importante recorrer a Thomson, em um interessante artigo sobre a contribuição a história oral para os estudos sobre migração, ao concluir seu texto justifica-o de forma bastante significativa para a reflexão que está sendo construída.

“Histórias (co) movedoras” é um jogo de palavras simples, porém útil, sobre a história oral da migração. Estas histórias orais tem com o foco central a experiência física do movimento entre lugares. Estão frequentemente impregnadas com a emoção da separação, e são profundamente comovedoras para o narrador e para a sua audiência. E as próprias histórias estão constantemente evoluindo e em movimento, apresentando histórias vivas em todo sentido do termo e sendo recurso e oportunidade únicos para o entendimento social e histórico. (THOMSON, p.360)

As histórias narradas pela escritora seduzem e ao mesmo tempo informam por serem, sobretudo construções e representações daquilo que a sua experiência diaspórica produziu na sua vida e por extensão na sua escrita.

A entrevista concedida pela haitiana Maria Clara Innocent constitui uma narrativa impar da experiência de viver a realidade de deixar para traz os filhos por quatro anos, somado ao medo vivido pela tragédia do terremoto de 2010.



Há evidentemente outros momentos narrados que configuram o que Thomson chamaria de “Histórias (co) movedoras”, como às vezes em que foi enganada pelas patroas brasileiras que prometiam assinar sua carteira de trabalho e não o faziam. Ou ainda, quando narra a caminhada de noite inteira, no escuro, na lama e a pé pelos caminhos clandestinos do Peru para chegar até a fronteira brasileira. E por fim a chegada dos filhos no Brasil, em que o menino mais novo que ela havia deixado bebezinho no Haiti, nem sabia que ela era sua mãe, no momento do reencontro, já com quatro anos. Muito emocionada ela diz que no dia da chegada das crianças, saiu mais cedo do trabalho, foi até o aeroporto, comprou sorvete e ficou esperando, houve um desencontro e o marido acabou indo para casa com as crianças, o que a deixou com raiva, mas depois passou. Relata em meio a risadas.

Como não identificar na escrita de Edwige Danticat uma “História (co) movedora” no estilo que Thomson nos convida a apreciar e interpretar?

Meu tio foi enterrado em um cemitério no Queens, em Nova York. Seu túmulo fica ao lado de um caminho aberto para as ruas de Cyprus Hills e para os trilhos do metrô acima delas. Durante sua vida, ele se agarrou à sua casa, decidido a não sair dali. Ele ficou em Bel Air, em parte porque era o que conhecia. Mas também esperava fazer algum bem ali. Agora, seria exilado definitivamente na morte. Iria se tornar parte do solo de um país que não o quis. Isso assombrava meu pai mais do que qualquer outra coisa. (DANTICAT, p.212).

O tio Joseph, que após relutar por toda uma vida tenta emigrar aos 80 anos, e já muito doente, para os Estados Unidos e é pego pela polícia de imigração e acaba morrendo em um hospital americano em 2004. É o tio, o pastor, o homem, que quando jovem se envolveu com a política de seu país e depois desgostoso com os sucessivos golpes e desmandos do governo, dedica-se às obras da igreja. Obrigado a sair do seu país pelo crescimento da violência de todos os lados, seja da instabilidade política ou das gangs urbanas também elas resultado da própria insolvência do Estado e da desigualdade socioeconômica haitiana.

Depois do terremoto que destruiu o pouco das estruturas que restavam do país, o Haiti viu sua realidade piorar ainda mais. No fim de 2010, foi palco de um surto de cólera que matou 8.300 pessoas e contaminou mais de 650 mil. Em agosto de 2012, a tempestade tropical Isaac causou perdas agrícolas na ordem de 254 milhões de dólares e deixou 1,6 milhão de haitianos em situação de emergência. (GOMBATA, 2014)

O cenário que a sociedade haitiana nos aponta é de um país, em que pese todas as suas mazelas, marcou profundamente a história das Américas, por ter sido o único a construir sua independência de forma original, singular e corajosa, a guerra da independência foi construída e vencida por não brancos, foi uma conquista, não uma concessão, o Haiti pagou caro por esta ousadia, ao longo de séculos sofreria retaliação da Europa, mais tarde já no século XX a invasão e ocupação norte-americana, ainda assim mantém-se como nação, como povo e cultura singulares. É, portanto, uma história comovedora, parafraseando Alistair Thomson.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trabalhar com as duas narrativas e construir uma espécie de costura entre elas foi também sendo tecido um diálogo com a história oral. Diálogo esse construído à medida que a entrevista foi idealizada, pensada e realizada a partir de um roteiro prévio elaborado com o objetivo dar um foco, um direcionamento para o processo da escuta. Encontrar a entrevistada, conseguir marcar a entrevista, gravar a mesma e por fim transcrevê-la são fases de um processo que envolve muitas vezes tempo e paciência, afinal, o campo não está à nossa espera. O campo de pesquisa, o sujeito da observação não existe *a priori*, enquanto objeto de estudo, é também ele uma construção,

Depois de gravada (as) entrevista (as) temos pela frente o trabalho de transcrição que envolve muito tempo e cuidado, no caso da entrevista com a haitiana, havia outro complicador, a fala, há muito ruído por conta do sotaque carregado. De forma que foi um trabalho de interpretação da fala do “outro”, no caso da “outra” para seguir critérios da diversidade de gênero.

Mas, a vitalidade da história oral reside exatamente na capacidade que esta metodologia nos permite ao dar voz aos sujeitos e ao mesmo tempo nos fazer participes do processo de trabalho que constrói a história pela narrativa, em uma memorável obra sobre memória e envelhecimento, sua autora ao falar sobre os seus entrevistados diz: *“A arte da narração não está confinada nos livros, seu veio é épico. O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam”*. (BOSI, p.43).

Esta é uma escolha teórica, ou melhor, dizendo esta concepção do fazer histórico nos ensina, que a escuta do outro pode constituir a matéria, a nossa matéria prima, o nosso documento.

O respeito pelo valor e pela importância de cada indivíduo é, portanto, uma das primeiras lições de ética sobre a experiência com o trabalho de campo na História Oral. Não são exclusivamente os santos, os heróis, os tiranos - ou as vítimas, os transgressores, os artistas - que produzem impacto. Cada pessoa é uma amálgama de grande número de histórias em potencial, de possibilidades imaginadas e não escolhidas, de perigos iminentes, contornados e por pouco evitados. Como historiadores orais, baseia-se na consciência de que praticamente todas as pessoas com quem conversamos enriquecem nossa experiência. (PORTELLI, p.17).

Querer e se dispor a ouvir o outro é uma atitude necessária e fundante de um projeto que envolva a metodologia da História oral. Porém não basta a prática e a disposição da escuta há outros profissionais, que também fazem da escuta sua ferramenta diária no exercício do seu ofício. É necessário ter a clareza de que todo rigor acadêmico se faz necessário, não apenas na escuta e produção do material sonoro, dos possíveis escritos nos diários de campo, no material iconográfico eventualmente produzido ou coletado, no cuidado com a guarda e na responsabilidade com a informação produzida.

Por fim obra de Danticat, não foi resultado de pesquisa, caiu como um presente, uma descoberta, uma indicação durante uma reunião, ou seja, uma dádiva que agora compartilho através do texto que estou encerrando.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro. EDUERJ, 2010.

BONOMO, Christiane S. Aquino e BONOMO, Diego. Haiti: política comercial e desenvolvimento. <http://www.ictsd.org/bridges-news/pontes/news/haiti-pol%C3%a9tica-comercial-e-desenvolvimento>.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos: São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1983.

DANTICAT, Edwige. Adeus Haiti. Rio de Janeiro: Agir, 2010.

GOMBATA, Marsílea. Cansados da miséria crônica, haitianos buscam nova vida no Brasil.

V<http://www.cartacapital.com.br/internacional/reconstrucao-inexistente-deixa-haiti-em-limbo-5533.html>.

HALL, Stuart. Da Diáspora: identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

INNOCENT, Maria Clara. Entrevista concedida em 18/12/2015.

MARONI DA SILVA, Paloma. Seguindo Rotas: reflexões para uma etnografia da imigração haitiana no Brasil a partir do contexto da entrada pela tríplice fronteira norte. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília-UNB. Brasília, DF: 2014.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas Reflexões sobre ética na história oral. Projeto História (15). São Paulo: EDUC, 1997. P.13-49.

THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: história oral e estudos de migração. Revista Brasileira de História. São Paulo, vol.22, nº4. <http://www.pnud.org.br/arquivos/rdh-2013-resumo.pdf>- consultado em 21/02/2016.